O CANÁRIO DA TERRA DOS SABIÁS

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota

Ainda crepitavam, em Caxias, os braseiros das dissenções entre "cabanos" e "bem-te-vis" no rescaldo da Balaiada, quando Gonçalves Dias, vindo de Lisboa, sem se demorar em São Luís, chegou ao sítio natal, depois de longa ausência, levado pelo desejo de rever a mãe, Vicencia Mendes Ferreira.

Logo a cidade pôs reparo nos seus hábitos, num cêrco sufocante que alcançou a cordialidade de sua família, quebrando os elos da harmonia do convívio delicado com a madrasta.

Desenganado pela inadaptabilidade a seu meio, recorre à Capital, às instâncias de Teófilo, de quem foi hóspede, na Rua de Santana. Cedo o anfitrião vislumbrou os pruridos do afeto do poeta, por Ana Amélia, e, num repente feliz, conseguia com Ângelo Moniz, uma passagem para Gonçalves Dias ir tentar os sucessos literários nos amplos horizontes da Côrte, com a condição de antes substituir o Promotor em um Juri em que este tentava não exercer sua função.

Em 1846, Gonçalves Dias, perdulário, já se achava no Hotel de l'Univers, absorvido na publicação de seu livro de estréia, mas encontrando tempo para as pândegas no Tivoli, onde drenava a ardência do seu temperamento, movido por mecanismo psicanalítico de afirmação compensatória da sua estatura de metro e meio, como se deduz do livro de sua biógrafa, Lúcia Miguel Pereira.

No Rio de Janeiro, já com o êxito das Meditações, o poeta dos Cantos, lança-se no jornalismo, no teatro e nas exaustivas pesquisas da História dos Jesuítas, livro que não deu à estampa.

Em setembro de 1847 chega Gonçalves Dias ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, levado pela mão acolhedora de Porto Alegre, voltando-se, de imediato, para a colheita de documentos que lhe possibilitasse a elaboração do livro sobre a Benemérita Ordem. Foi nos salões do Instituto que surgiu o início de uma amizade entre Dom Pedro II e o Poeta, porquanto o Imperador, devotado à Casa de Januário da Cunha Barbosa, a honrava com o prestígio incentivador de sua presença, propiciando prêmios às pesquisas, sugerindo temas aos ilustres integrantes, envolvendo-os na sua vigilante ação protectiva.

Acolhendo o pedido imperial, Gonçalves Dias, adentra-se, ajustadamente, na busca do paralelo entre o Brasil e a Oceania, enfocando os prismas bio-tipológicos das raças desses pólos geográficos, sem esquecer a malha sociológica condicionante das nações dessas comunidades, buscando, de resto, a clareira metodológica para a catequese e civilização.

Com essa portentosa memória de Gonçalves Dias, abriam-se-lhe mesmo sem a orientação de um curso superior de etnografia, as portas pioneiras dessa especialidade no Brasil, como diz Lúcia Miguel Pereira no seu maravilhoso livro sobre o Poeta.

Mal sabia o maranhense que a leitura do Brasil e Oceania, aos ouvidos do Imperador, no Instituto, iria ser, à ocasião, o ponto de referência para ter, mesmo ausente, seu nome ratificado na direção da Seção Etnográfica e Narrativa da Viagem da Expedição Científica de Exploração, cujos trabalhos se desenvolveram, acentuadamente, nas terras comburentes do Ceará, atraída pelo livro do Padre Francisco Correa Teles de Menezes, cuja naturalidade é discutida, sobretudo pondo-se em confronto o "Dicionário da Blake e o ponto-de-vista do mestre Renato Braga, exaustivo historiador da Comissão — livro publicado pela Imprensa Universitária do Ceará, em 1962, ao tempo do timão do Reitor Professor Antonio Martins Filho, sendo ambos consócios do Instituto do Ceará.

A publicação da obra do Conde de Castelnau — **Expedition dans les parties centrales de l'Amérique de Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Para** — e a de outros geógrafos e cartógrafos, estavam, no juízo de Lagos, inçados de incorreções tocante ao Brasil, ocorrências que positivavam a necessidade de uma expedição, cujo corpo técnico-científico fosse eminentemente brasileiro.

Era, assim, factível o plano da expedição, além de possibilitar o expansionismo do Instituto, fundado em 1838, mas atravessando os percalços naturais da fixação de seus objetivos. Relata, Renato Braga que em 30 de maio de 1856, na seção presidida pelo Imperador, Lagos fez o relato crítico à obra monumental do Conde de Castelnau, sugerindo a exploração o que ensejaria ao Governo o conhecimento real de nossa topografia, orografia, indícios de ferrosos, aspectos zoológicos e botânicos, além da colheita de material, para elaboração de plano que viesse integrar as novas dimensões continentais pelas angulações do comércio e das vias navegáveis.

O Instituto Histórico e Geográfico propôs ao Governo Imperial a criação da Comissão Científica Exploradora, o que mereceu uma acolhida promissora, chegando o Visconde de Sapucaí a acentuar, no próprio seio da Corporação, que o plano da expedição era a configuração de um anseio longamente reivindicado pela elite cultural brasileira.

Renato Braga no seu excelente livro — História da Comissão Científica Exploradora —, esteado em Freire Magalhães, acentua, com justeza, que a iniciativa de Lagos transformou-se em empresa, graças a Pedro II, temperamento permeável aos movimentos culturais. A 13 de junho, de moto próprio, o Imperador dá o seu "placet" à idéia, no auditório do Instituto, bafejado pela aura da acolhida elogiosa dos ciclos europeus ao cometimento científico programado.

Cinco eram as seções da Comissão: Botânica Geológica e Mineralógica, Zoológica, Astronômica e Geográfica e Etnográfica e Narrativa de Viagem, cujas titularidades foram entregues, respectivamente,a Freire Alemão, Capanema, Lagos, Raja Gabaglia e Gonçalves Dias, nenhum, afirma Renato Braga, deslustrava o lugar que fôra confiadò.

Gonçalves Dias em março de 1851, chegava ao Maranhão, para o reabastecimento na visão telúrica da paisagem maranhense de que necessitava tanto, ensejado, também, pela pesquisa que lhe possibilitava Odorico Mendes, através de Costa Carvalho, porquanto o magistério, no Pedro II, não tinha para ele o tom atrativo de sua eleição vocacional.

Reatando, o Poeta, na tona da memória, o enlêvo da visão de Ana Amélia na residência de Teófilo, assestara a carga de suas emoções na carta de pedido de casamento dirigida a Lourença, mãe de Ana Amélia, o que causou as crispações da negativa do enlace, que se sabe, recebeu também por carta, no Recife, após visitar o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba.

No Rio de Janeiro, Gonçalves Dias, reprime a sua inclinação afetiva e, no impacto frustrante, contrai matrimônio com D. Olímpia, filha de Cláudio Luís da Costa, indo, depois de um período de difícil convivência, residir, a partir de 1854, com a esposa, na Europa.

O nascimento da filha Joana, em Paris, o encontro com Ana Amélia, já casada, em Lisboa, o comissionamento como representante do Brasil na Exposição Internacional de Paris, ao lado de Capanema e Gabaglia e, por último, o conhecimento de sua indicação para a chefia da Seção Etnográfica da Comissão, foram os fatos mais relevantes dessa temporada européia.

Das Instruções da Comissão se infere que à Seção Etnográfica incumbia a análise do meio-ambiente, índices biométricos e características do fácies dos indígenas, anotações atinentes à língua, costumes tribais, linhas iniciadas do incipiente sanitarismo dos núcleos comunitários, tudo isso documentado em desenhos e fotografias, o que, evidentemente, não se constituia óbice para o historiador maranhense, porquanto já era afeito à arte fotográfica, desde os tempos parisienses. Ressalte-se que as Instruções da Seção Etnográfica, por estar Gonçalves Dias na Europa, foram redigidas por Porto Alegre. Ao Poeta nunca agradou a função burocrática de narrador, quer nos jornais, quer no Diário, causando essa atribuição arrepios na sua convivência com Freire Alemão, Presidente da Comissão, ante a pertinácia de Gonçalves Dias em resistir a esse mister.

O aprestamento bibliográfico e o instrumental técnico foram solicitados a Gabaglia e a Gonçalves Dias que se encontravam na Europa. O Relatório de Capanema, apresentado em 4 de dezembro de 1857, no Instituto, relata que as aquisições dos aparelhos geodísicos, magnéticos, sondagens, microscópicos e meteorológicos foram feitos por fabricantes conceituados na Alemanha, França e Inglaterra, ficando com Gonçalves Dias o encargo fiscalizatório da entrega das encomendas feitas, demonstrando ser, nesse tocante, expedito e, de uma probidade edificante. A bibliografia foi suprida pela Biblioteca de Lagos, onde se encontravam textos de Reaumur, Macquart e Déjean e outros autores "experts" em ictiologia e entomologia.

Em 1858, Gonçalves Dias chega ao Brasil, prestando contas das compras à Comissão, ainda não recebesse, tão-logo, a quitação que queria ter à mão. Ansiava o Poeta seguir de imediato para o Ceará, o que não

ocorreu, por divergir Capanema da política do Gabinete do Marquês de Olinda.

Depois de despedirem-se do Imperador no Paço, a Comissão, sob a chefia de Freire Alemão, chega ao Ceará, transportada pelo "Tocantins", tendo sido recebida por João Silveira de Souza, Presidente da Província. A aparelhagem técnica foi colocada no Liceu Cearense e durante 6 meses a Comissão permaneceu em Fortalèza, recebendo homenagens e banquetes, ocasião em que a voz romântica de Gonçalves Dias, espantava a todos, com admiração, ganhando a alcunha de Canário da Comissão.

Fortaleza tinha também largos e logradouros onde a maledicência ociosa, travestida em juiz coletivo, zurzia à boca pequena, os fatos inusitados, os figurões de cartola que já, àquela época, teciam a malha proveitosa das barganhas das benesses nos meandros das antecâmaras palacianas. O verbo popular purgava, na praça, os costumes políticos e, vigilante, andava à espreita de ocorrências que semelhassem a desmaios da moral pública ou privada. A atenção coletiva, com maior usança e por vocação hepática, assestava o ôlho cíclope para os peregrinos que traziam hábitos estranhos, que tinham desenvoltura, em flagrante descompasso com a inibição provinciana reinante. Era, assim, uma natural defesa dos nativos, acastelados em defender, aguerridamente, a fruição da vida citadina, contra a cobiça das incursões estranhas ao meio.

A praça, no Ceará, especialmente em Fortaleza, foi sempre o anfiteatro da zombaria popular que irrompe, por nada, desmedida em vaias, com os sulcos dos vexames tão característicos do Ceará — moleque, e que deve ser estudada nas contraditórias qualidades de emotividade e sarcasmo dos cearenses.

Os cientistas da Comissão eram, na maioria, homens de trinta a quarenta anos de idade, hígidos e escudados nos privilégios que os envolvia, alguns deles degustadores de vinhaça, inclinados às contradanças dos saraus, e chegados a derriços, sem os comedimentos que o uso da terra impunha e com excessos que a idade exigia de cada qual.

Antes de a Comissão se desarticular pelo interior, demorou em Fortaleza por seis meses, mas, a èsse tempo já estava cindida pelo surdo entrechoque que a minava desde o tempo da redação dos encargos de cada Seção.

Cedo, Gonçalves Dias, Gabaglia e outros se apartaram da convivência austera de Francisco Freire Alemão, alugando uma casa arredia do centro urbano, que pudessem transformar em baiúca, com a presença de passos notívagos.

Não aproveitaram os integrantes da Comissão Científica Exploradora a excepcional acolhida, e logo foram flagrados, como "estrangeiros", no banho edênico da praia, nas cercanias do Passeio Público.

Lúcia Miguel Pereira, excelente biógrafa do Poeta e o Professor Renato Braga, fonte translúcida da Comissão Científica, não se escusam, por exatos, em acentuar as pândegas de alguns integrantes das Seções, ocorrências que acarretavam fortes aleives à Comissão: Comissão Defloradora e Comissão das Borboletas. Tocante à primeira alcunha a biógrafa consagrada, em "A vida de Gonçalves Dias", expõe a justificativa do Poeta, admitindo que ele mesmo, inclusive fosse có-participe de "explorações bem diversas das científicas". Renato Braga transcreve a justificativa de Gonçalves Dias, mas, a seguir, levante o véu de sua incredulidade, quanto à ingênua saída do etnógrafo.

O apelido de Comissão das Borboletas foi vibrado com uma ponta de malícia, por Melo Moraes, reduzindo recalque antigo que guardava de Lagos, Gonçalves Dias e Capanema, que haviam ferreteado com uma crítica contundente aos trabalhos do historiador. Os ventos sopraram e invadiram o Senado do Império pelo verbo de Antonio Luís Dantas de Barros, apodando a empresa do Instituto de Comissão de Borboletas.

Messejana, Pacatuba, Aratanha e Baturité foram os primeiros alvos da Comissão, antes da penetração pelo sertão cearense e Estados vizinhos.

Os "científicos" chegaram ao hinterland no compasso da liberação das verbas, o que, de resto, quebrava a sistemática do plano preconcebido. As distâncias foram vencidas em cavalos e, o que é originalíssimo, até nas corcovas de dromedário, vindo especialmente de Argel. Gonçalves Dias e Capanema chegaram a Baturité em camelos entre o assombro e a assuada dos meninos.

Uma auréola de temor frenava a aproximação dos "doutores", vistos por uns como seres endemoinhados, algo semelhante aos anticristos, sobretudo pela aparatosa engrenagem dos aparelhos e pela arte fotográfica tão ao gosto do Poeta.

Domingos Olímpio, o criador vigoroso de **Luzia-Homem** — heroína ipuense que viveu em Sobral — aludindo, no seu romance clássico, à passagem da Comissão pela velha **Caiçara,** traça o perfil de Gonçalves Dias e que coincide com o desenho fraternal de Henriques Leal, ainda na primeira descrição não se note os longes da emotividade que, na segunda, emergem das páginas centenárias do Panteon Maranhense.

Gonçalves Dias prendeu-se ao Ceará, voltando suas preferências para o Cariri, onde pensou se instalar em um sítio bucólico. Raja Gabaglia, ao contrário, amava a Zona Norte, onde desposou Maria da Natividade, irmã do Barão de Sobral. Freire Alemão enamorou-se de Sobral e, em suas notas datadas de 1.861, descreve os aspectos urbanos, as quizílias políticas e o clima cultural renovador, trazido, pelos acadêmicos quando retornavam de Pernambuco. Capanema observara o "penhasco de granito" do Barriga, visitando ainda a Meruoca.

Tomás Pompeu, João Brígido, Senador Paula, José Júlio de Albuquerque Barros, eis o círculo de afetividade que envolvia Gonçalves Dias no Ceará.

Não se desconhecem os aborrecimentos por que passou o Poeta na Terra da Luz. Em Icó, por incompreensão, rebenta o Caso Abel, no qual justo é salientar o destemor do maranhense.

Nas águas do Acaraú, naufragou o **Palpite,** barco que transportava a aparelhagem e as pesquisas da Seção Geológica e Mineralógica, surgindo murmúrios desairosos à probidade de Capanema, comprometendo, por igual, a Comissão, àquela banhada nas águas das desconfianças, que encapeladas provocavam ressacas no círculo administrativo da Corte, ocasionando a chamada, ao Rio, dos integrantes.

O mestre dos Cantos chegara a Fortaleza abalado pela morte da filha, irritado pelos desentendimentos conjugais e voltara-se de todo, nas horas de lazer, para as pesquisas da História dos Jesuítas e para a tradução da Noiva do Messina.

Depois das caminhadas estafantes e dos excessos das outras explorações, Gonçalves Dias teimava em rever o Maranhão, numa incurável fixação por Ana Amélia, acamado que estava, em Fortaleza, na casa de Ratisbona.

Ao partir, o romântico caxiense guardava um segrêdo: **a possibilidade de ser pai no Ceará.** Só no Amazonas, quando a saudade o deprimia agudamente, encarrega a Pompeu e a Lei a terna missão de recambiar a filha cearense, que seria, a seu pedido, entregue à família de Teófilo. Mas cedo se desfez o sonho paterno e, por cartas do Ceará, constatou ser irreal sua suposição.

Lamentável é que o historiador maranhense não houvesse entregue ao Instituto seu relatório final. Não é certo que o houvesse elaborado. Alguns afirmam que Gonçalves Dias trazia, no "Ville de Boulogne", o Relatório da Seção Etnográfica.

Um dos maiores legados da Comissão Científica Exploradora foi, a nosso juízo, a **Calota de Uruburetama,** ponto de partida para as investigações da raça paleamericana, que atestam, antropologicamente, a relação migratória entre Brasil e Oceania, tema tão do agrado do **Canário da Terra dos Sabiás.**